



ENTREVISTA COM CARLOS HENRIQUE DE ESCOBAR FAGUNDES

INTERVIEW WITH CARLOS HENRIQUE DE ESCOBAR FAGUNDES

Rodrigo Pereira da Silva ROSA¹

Oriundo de São Paulo e importante para a educação brasileira, em especial para a comunidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro – da qual fez parte como docente –, o professor Carlos Henrique de Escobar Fagundes possui uma vasta experiência e bagagem teórica em seu currículo. Filósofo, dramaturgo, poeta e professor, Escobar foi um dos precursores da Análise de Discurso no Brasil, sendo responsável pela divulgação da teoria nos cursos de Filosofia, Comunicação, Linguística e Ciências Sociais na UFRJ e pela fundação da Escola de Comunicação da UFRJ e também do Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, a UFF.

Em relação à AD, Escobar assume um papel de importância, pois, atrelado à sua militância política, viu a necessidade de inserir estudos de Althusser e Pêcheux. Na época os círculos intelectuais da esquerda brasileira eram fechados em teorias e interditavam a inserção dos autores citados; por sua vez, Escobar já via uma necessidade de urgência nas leituras de autores da teoria que, anos mais tarde, seria constituída, aqui no Brasil, como disciplina.

Escobar foi um importante pensador das lutas políticas dos anos 1960/1970 no Brasil, pois ele e uma minoria intelectual acreditavam que a filosofia materialista era um canal para propagação de um pensamento que pudesse enfrentar a dominação vigente. Tal filosofia era a mesma que Althusser pensava em seus textos.

¹ Atualmente, cursa Mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui graduação em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa (Licenciatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em estudos de línguas indígenas, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Bakairi; morfofonêmica; sintaxe e ergatividade; e análise do discurso.



Hoje, no auge dos seus quase 90 anos, o professor Escobar vive em Portugal com sua atual esposa e seu filho, mas continua produzindo e refletindo sobre algumas questões importantes da Filosofia, dramaturgia e da Análise de Discurso. O mesmo nos concedeu uma entrevista via e-mail, onde reflete sobre a vinda da Análise de Discurso para o Brasil, o momento atual do país, a confluência da AD na Linguística e outras questões que podemos acompanhar a seguir.

1. *Como surgiu a iniciativa de trazer o Pecheux ao Brasil? Como o conheceu e os trabalhos?*

Leitor e até mesmo representante dos *Cahiers pour l'Analyse* no Brasil li inúmeros ensaios de Pêcheux e muitos outros em torno dele.

Envolvido – e acredito que antes da chilena Marta Harnecker – na divulgação do marxismo althusseriano, me liguei também às reflexões de Pêcheux e dei conferências formando grupos de estudos pelo Brasil. As viagens eram pagas pela Universidade pois preenchiam aquilo que se chama “cursos de férias”.

Conseguimos nos tempos da Ditadura Militar descobrir e ensinar Pêcheux (e Althusser) e sentir-se “comunista” auxiliando a luta armada. Pêcheux chega ao Brasil (com tradução da Maria da Glória Ribeiro da Silva) logo em seguida às traduções de Althusser e como afronta à unidade de Linguística da UFRJ daquela época.

2. *O senhor chegou a trabalhar com Análise de Discurso? Houve continuação da AD no IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ) e na ECO (Escola de Comunicação da UFRJ)?*

Acho que trabalhei “a tempo inteiro” contra a Ditadura Militar, pois além da militância dava aulas na ECO (Escola de Comunicação da UFRJ), escrevia minhas peças partilhando com Ruth Escobar um grande movimento cultural em plena resistência contra a Ditadura. O meu texto (na revista *Tempo Brasileiro*) e um dos meus livros propuseram pensar Saussure na “semiologia” e no modelo (que então propus) da estrutura de produção.



O meu texto (na revista *Tempo Brasileiro*) e um dos meus livros propuseram pensar Saussure na “semiologia” e no modelo (que então propus) da estrutura de produção.

Não, eu não continuei este trabalho, isto é, o abandonei para trabalhar por inteiro o pensamento althusseriano.

Um dia leio (em textos franceses) que a AD – na origem marcadamente marxista – existia agora como “disciplina” e como escola. Procurei saber mais e, confesso, fiquei amargurado quando a vi neutralizada em mecanismos e procedimentos pobres de avaliação.

A neutralização da AD dava-se na França (e no mundo) mas sobretudo no Brasil. Para investir uma crítica a tudo isso está o nome do professor João Kogawa. Ele se encontrava em Paris fazendo doutorado em torno da “chegada de Pêcheux ao Brasil”. Eu já não tinha esperança que descobrissem meu trabalho (e pioneirismo, como ele chamou) e fiquei feliz com seus emails. Este professor, a esta altura, e após seu livro (.....) tornou-se também um referencial obrigatório dos ensaios e debates no Brasil sobre a AD.

Os estudos althusserianos sobre a “ideologia” – irremovível e sempre vibrante na luta de classes – sabem distinguir questões como “indivíduo e sujeito”, dimensão inconsciente (Lacan), subjetividade como “meio produzido” no seio e no propósito da Revolução.

A questão da “subjetividade” – entre os marxistas que hoje provam a “crise do marxismo” (e o enigma de um capitalismo numa “crise limiar”, não mais as crises cíclicas do capital mas uma crise suicidária onde o que está em questão é a terra e a vida).

A “subjetividade” é trabalhada com sucesso (e confrontos) nas filosofias da pós-modernidade – e não apenas naquelas que se deixam atravessa pela psicanálise lacaniana mas também naquelas que refletem as teses do desejo do ângulo, digamos, espinozista e deleuziano..

Atenção para o seguinte, não somos apenas os custos da história – do tempo ocupado e produtor das comunidades e dos sujeitos – somos também uma difícil *intimidade* com o abismal, o caos, o irresolvidamente inalcançável. Que se experiencia na vida e na morte e que se sabe como uma *intimidade* onde partilhamos – e partilharemos sob diferentes formas – aquilo que a filosofia e as artes “sabem sem saber” e situam como *proximidade*.



O comunismo não é — nem será — uma figura acabada, e a história do marxismo se exercerá sempre ao pensar as questões da Revolução, do Estado, do trabalho e do que seria propriamente o comunismo como realidade.

Um empenho — não um abandono, um tédio, uma humilhação — onde o sobreviver é também uma causa e a justiça uma comovente mobilização.

3. *A que o senhor atribuiria o suicídio de Pêcheux?*

Porque Pêcheux suicidou-se? Ou, por exemplo, Poulantzas e inúmeros outros marxistas na França? Gorsz e a mulher, as filhas de Marx e no Rio o jovem marxista e introdutor de Lacan no Brasil, Eginardo.

Às vezes as questões estão no concreto da luta política e às vezes resultam predominantemente dos jogos trágicos de um inconsciente e de uma relação.

Contar o suicídio de Pêcheux e de Poulantzas — ambos marxistas e althusserianos — concerne mais à “intimidade” e à exaustão dos trabalhos face à “crise do marxismo” e de tudo que, pertencendo a eles, singularmente eu desconheço.

4. *E hoje? O senhor ainda se dedica a algum tema/ alguma discussão?*

Quanto aos meus trabalhos hoje as coisas não são muito claras. Quero terminar o livro sobre o Althusser do “materialismo do encontro”, responder às questões do professor João Kogawa. E também aquilo que comecei sobre a “morte” e sobre os “animais”, mas temo não ter mais saúde e tempo para fazê-lo.

5. *Tem acompanhado o que se passa no Brasil?*

O Brasil sempre foi governado por políticos corruptos. O Moreira Franco, por exemplo, há décadas atrás foi um “companheiro”, em que pese fugir sempre das manifestações. Da mesma forma a Celina Vargas, na época sua mulher. Encontrei-o um dia nas barcas Rio-Niterói. Eu ainda dava aulas na UFF e então conversámos. Eu sabia que tipo de político ele se tinha tornado. Perguntei-lhe como fora possível



● ● ●

sair da militância comunista – numa das suas versões - para a política explicitamente corrupta. Aborrecido com a pergunta – e como que emboscado – me respondeu que tinha aprendido a “fazer política” com o seu sogro (pai da Celina) e que agora não era mais um adolescente. Há tantos Moreira Franco no Brasil!

6. *Como observa o momento atual?*

Quanto à preocupação com a língua e o discurso os anos 80-90 e depois (séc. XXI) envolveram inúmeros intelectuais, entre eles Roland Barthes, E. Benveniste, Eco, Greimas, Foucault, Deleuze, Kristeva. Sempre em torno da “materialidade discursiva” e às vezes em torno da imagem, linguagem verbal e não verbal. Então usei e trabalhei a revista francesa *Communications* e *Langage* e por vezes os livros de Lévi-Strauss (não apenas *Antropologia Estrutural* mas também o magnífico *Pensamento Selvagem*).

Estou hoje em estudos mais recentes e talvez mais exigentes, como Derrida, Nancy, Agamben, etc.

Não aconselho leituras diferentes ao mesmo tempo, pois é necessário possuir intelectualmente, e em separado, um ou outro destes autores, e com isso o conhecimento esmerado de um ajuda-nos a conhecer todos os outros.

No que concerne à questão do Brasil hoje eu digo – e repito – que nada justifica o silêncio e a fuga. A produção cultural estrategicamente é importante, pois foi assim que artistas e professores lutaram contra a Ditadura Militar. A luta frontal é algo bastante particular mas pode ser pensada – na forma defensiva – e junto à série de assassinatos cometidos pela direita cabe pensar resistir, se defender, responder.

Todas estas lutas passam por analisar conjunturas e envolvem grandes generosidades e talentos, o que o Brasil dispõe e hoje são reclamados. Logo veremos.

7. *Professor, como o senhor consegue enxergar o ensino de Análise de Discurso dentro da Linguística?*

A questão – complexa – é talvez algo que só vocês (e o João Kogawa) poderão responder, não sem antes denunciar a AD hoje como algo distante e



numa dispersa e perversa coisificação. Teorizar a AD – livremente, ousadamente, criativamente – a ponto de ela (numa agilidade teórica responsável) poder intervir na linguística e suas formas disciplinadoras e abstractas. Um cemitério de noções pois à deriva da “materialidade do discurso” – saber como reclamar a vida e a saúde teórica requer ousar e até alucinar.

8. *E como a AD pode ganhar espaço no ambiente altamente estruturalista?*

Não respondo esta questão pois ela foi bem resolvida, por exemplo, em Althusser, em Deleuze e Foucault (sem esquecer Derrida). São filosofias *abertas*, que já não prescrevem “origem” e “fim” e sobretudo recusam ser totalizadas.

Já há algum tempo Althusser abriu a “estrutura saussuriana” (em *Pour Marx* e *Lire le Capital*) e também a herança maldita da dialética hegeliana (e também engelsiana) que se abismam primeiro nas “contradições sobredeterminadas”, etc., e depois na “corrente subterrânea” com o materialismo aleatório.

O *clinamen* (de Epicuro) é revelado em toda “ordem”, “estrutura”, etc., passando a ser a agilidade (aberta) irremovível do pensar.

